

HISTÓRIA ANTIGA NO ENSINO FUNDAMENTAL BRASILEIRO: POSSIBILIDADES DE ESTUDO A PARTIR DE UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS SOBRE A DEUSA HERA

ANCIENT HISTORY IN BRAZILIAN PRIMARY EDUCATION: POSSIBILITIES OF STUDY FROM A COMIC BOOK ABOUT THE GODDESS HERA

HISTORIA ANTIGUA EN LA ENSEÑANZA PRIMARIA BRASILEÑA: POSIBILIDADES DE ESTUDIO A PARTIR DE UNA HISTORIA EN CÓMIC SOBRE LA DIOSA HERA

Janira Feliciano Pohlmann¹

Resumo: De que maneira a História Antiga pode contribuir para a formação dos estudantes brasileiros? Como fomentar debates atrativos em sala de aula sobre essa disciplina? Esses são alguns dos questionamentos que servem de base para os argumentos apresentados nesse trabalho. Noto que o ensino de uma História Antiga que faça sentido para a vida dos estudantes promove a empatia e um diálogo com diferentes culturas, religiões e crenças, contestando problemas de intolerâncias enfrentados pela sociedade brasileira. Nesse artigo, sugiro que elementos da Antiguidade grega, tratados a partir da história em quadrinhos *Hera: a glória de uma deusa*, escrita e ilustrada por George O'Connor, podem agenciar a formação da consciência histórica dos estudantes brasileiros nas escolas contemporâneas.

Palavras-chave: história antiga; Grécia Antiga; gênero; história em quadrinhos; consciência histórica.

Abstract: How can Ancient History contribute to the education of Brazilian students? How to foment attractive debates in the classroom about this subject? These are some of the questions that serve as a basis for the arguments presented in this work. I note that teaching an Ancient History that makes sense to students' lives promotes empathy and a dialogue with different cultures, religions and beliefs, contesting problems of intolerance faced by Brazilian society. In this paper, I suggest that elements of Greek Antiquity, treated from the comic book *Hera: the*

glory of a goddess, written and illustrated by George O'Connor, can agency the formation of historical consciousness of Brazilian students in contemporary schools.

Keywords: ancient history; Ancient Greece; gender; comic book; historical conscience.

Resumen: ¿De qué manera la Historia Antigua puede contribuir a la formación de los estudiantes brasileños? ¿Cómo fomentar debates atractivos en el aula sobre esta disciplina? Estos son algunos de los interrogantes que sirven de base para los argumentos presentados en este trabajo. Observo que la enseñanza de una Historia Antigua que tenga sentido para la vida de los estudiantes promueve la empatía y un diálogo con diferentes culturas, religiones y creencias, cuestionando problemas de intolerancias enfrentados por la sociedad brasileña. En este artículo, sugiero que elementos de la Antigüedad griega, tratados a partir de la historia en cómics *Hera: la gloria de una diosa*, escrita e ilustrada por George O'Connor, pueden agenciar la formación de la conciencia histórica de los estudiantes brasileños en las escuelas contemporáneas.

Palabras clave: historia antigua; Grecia antigua; género; historia en cómics; conciencia histórica.

Alguns debates sobre História Antiga a partir da Base Nacional Comum Curricular

Entre 2015 e 2018, a importância da História Antiga para a educação escolar dos jovens brasileiros agitou as discussões entre políticos, docentes, grupos/laboratórios de pesquisa e núcleos de estudo durante a elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A primeira versão desse documento, lançada em 16 de setembro de 2015 (Brasil, 2015), praticamente excluiu os conteúdos da História Antiga e da História Medieval do Ensino Fundamental. Segundo Priscilla Gontijo Leite (2017, p. 15-16), esse documento centrava-se em uma determinada história nacional e a Antiguidade aparecia apenas em três itens relacionados à percepção temporal. Dominique Santos (2019, p. 131-132) observa ainda que, nesse documento, a Física tinha mais interesse pela Antiguidade do que a História, pois requeria dos estudantes investigações que relacionavam diferentes sociedades e temporalidades, apontando, entre outros tópicos, para os estudos das constelações em diversas culturas (como na Antiga Babilônia), do “magnetismo na Antiguidade” e dos modelos constituintes do universo em distintas épocas.

Sendo a BNCC um aporte essencial para o ensino escolar no Brasil, profissionais especializados em História Antiga e História Medieval enfrentaram significativas lutas políticas e acadêmicas para esclarecerem a relevância dessas disciplinas no âmbito do ensino escolar. Nesse caminho, conforme nota disponibilizada na página de Internet do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da Universidade Federal do Paraná (NEMED-UFPR) (NEMED, 2015), com a exclusão das histórias da Antiguidade e do Medievo, a História perdia “sua dimensão universal”, situação que contrariava a potência humana e a compreensão do processo histórico, visto que os seres humanos “são universais, não continentais ou nacionais”. A Associação Nacional de História (Anpuh-Brasil), solicitou que Pedro Paulo Funari (2016), professor da Universidade de Campinas (Unicamp), emitisse um parecer sobre a primeira versão da BNCC. Nas três páginas desse curto texto, Funari defendeu a amplitude e a profundidade das abrangências temporal e espacial e o respeito ao repertório cultural dos estudantes, longe da proposta nacionalista que aprofundaria “o fosso entre os poucos que conhecem o mundo para além do local e a maioria que terá ainda menos recursos cognitivos para lutar para diminuir as desigualdades” (Funari, 2016, p. 2).

Entre os vários manifestos de especialistas em História Antiga e História Medieval referentes a BNCC de 2015 (Brasil, 2015), menciono apenas esses dois casos². Em ambos, os embates políticos são notórios. Nenhum profissional dessas áreas participou da elaboração do documento de 2015. Em contrapartida, os autores convidados para trabalhar no texto dedicaram muitos tópicos às suas especialidades. É certo que todo documento responde aos objetivos de seus autores e daqueles que encomendam a obra. Com a BNCC, isso não seria diferente. Sendo assim, a primeira versão desse texto estava vinculada ao tempo presente e a elementos nacionalistas, sem promover



as adequadas ligações com outros tempos e espaços. Um posicionamento que limita o conhecimento histórico e que, por mais que almeje abolir o eurocentrismo, cria uma outra maneira de domínio do conhecimento, sem propor as devidas análises. Frente a esse impasse, no lugar da aceitação passiva de uma História organizada sob elementos nacionalistas e cegos aos processos de transformações inerentes à vida em sociedade, acredito que seria mais proveitoso aos estudantes a construção de críticas a uma História feita a partir dos interesses europeus.

Ainda assim, as pesquisas atuais sobre Antiguidade e Medievo já não seguem preceitos eurocêntricos. Esses trabalhos analisam, sim, “as movimentações populacionais entre os continentes, a circulação de ideias e objetos pelo Atlântico, pelo Mediterrâneo, Oceano Índico e até o Mar da China. Portanto, não perpetuam visões eurocêntricas, mas ao contrário as combatem” (Tacla; Lima, 2015). Desse modo, o ensino de História proposto no primeiro texto da BNCC estava muito distante das pesquisas produzidas no Brasil e das questões debatidas na historiografia e nos cursos de formação de professores.

O posicionamento de vários profissionais das áreas de História Antiga e História Medieval, contrários à BNCC de 2015, fomentou a elaboração de um novo texto, apresentado no final de 2018. Nessa versão, diversidade, pluralidade e alteridade ganharam destaque como componentes do ensino de uma História que colabora com o exercício da cidadania (Brasil, 2018, p. 398-401). Entre as competências específicas do ensino de História, a compreensão da “historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas [...] culturais” (Brasil, 2018, p. 402) e o papel da Antiguidade para o desenvolvimento dessa capacidade é essencial para os argumentos desenvolvidos nesse artigo.

Meu objetivo nesse trabalho é examinar como o estudo da Antiguidade grega pode contribuir para a formação de um cidadão pensante e crítico. Proponho, também, a utilização de uma história em quadrinhos³ como recurso didático positivo para o processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, não desejo apresentar uma discussão detalhada em torno da elaboração da BNCC⁴, nem realizar uma análise de tal documento. Entretanto, a explanação feita até esse momento marca o contexto em que escrevo esse artigo e minha posição favorável ao ensino da História Antiga no Ensino Fundamental e no Ensino Médio das escolas contemporâneas brasileiras. Afinal, as inquietações emersas em 2015, suscitaram – e ainda suscitam – questionamentos sobre o ensino dessa temporalidade.

Por uma História Antiga que faça sentido

Para Paul Veyne (1983b, p. 11), a História romana é interessante pois “faz-nos sair de





nós mesmos e obriga-nos a explicitar as diferenças que nos separam dela”. Considero que a afirmação do historiador e arqueólogo francês a respeito da História romana pode ser ampliada para a questão da História Antiga. Ou seja, a História Antiga requer dos estudantes o olhar sobre outras sociedades, distantes no tempo e no espaço geográfico. Santos (2019, p. 134) afirma que os estudos da Antiguidade podem ir além das identidades nacionais e evitar nacionalismos. E aqui ressalto a possibilidade de compreender alteridades e, a partir desse elemento, diversidades e pluralidades, conforme exigido na BNCC (Brasil, 2018, p. 398-401).

No caminho para a definição de um grupo, constrói-se identidades que são estabelecidas a partir de alteridades, do olhar sobre si e sobre “o outro”. Salienta-se uma identidade perante um grupo de pertença e dirige-se a alteridade àqueles que são diferentes desse grupo. Por isso, identidades, alteridades e diferenças são princípios discursivos que estão relacionados entre si e exigem revisões e reflexões constantes. Enquanto a lógica da identidade neutraliza as diferenças, a alteridade as evidencia. Quanto mais os estudantes entenderem, aceitarem e difundirem a validade e a riqueza do que é diferente, mais se tornarão conscientes de seu papel como sujeito sociopolítico. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt (2004, p. 77), a compreensão da alteridade pode desenvolver a empatia uma vez que torna o aluno capaz “de interessar-se por outras sociedades [e essa] é uma forma de sensibilizá-lo para as diferenças e evitar os inúmeros anacronismos, que podem ser criados pelas ligações equivocadas entre o passado e o presente”.

Personagens da Antiguidade e outros elementos dessa época pululam o cotidiano dos brasileiros, como os heróis e vilões “revividos” em HQs e em produções cinematográficas ou as belas representações de Pompeia que se estendem pelas paredes e tetos do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Releituras da História Antiga fazem parte do cotidiano dos estudantes brasileiros. Abordar essas narrativas em sala de aula é uma maneira de chamar a atenção desses jovens e suscitar uma conversa interessante entre aluno e professor, problematizando contextos e observando a “historicidade no tempo e no espaço” (Brasil, 2018, p. 402). Muitas vezes, os jovens têm contato com essas narrativas antes desses temas serem tratados na escola e tal repertório não deve ser ignorado. Ao contrário, deve ser trazido para os debates em sala de aula e trabalhado com a mediação dos princípios da ciência histórica.

É imperativo que os debates ocorridos entre os alunos ressaltem que as releituras do passado, frequentemente agenciadas por várias mídias, são produzidas em contextos diferentes dos originais e respondem a demandas do cenário no qual foram elaboradas. A deusa Hera zangada por quase quebrar uma unha na HQ escrita pelo norte-americano George O'Connor (2013, p. 3) não tinha essa preocupação nas epopeias gregas de Homero. Afinal, o mundo antigo é “diferente do [mundo] presente”, por isso “devia ser estudado em seus próprios termos” (Guarinello, 2013, p. 27). A reflexão sobre as



diferenças previne anacronismos, esclarece e explica contextos. Além disso, anuncia diversidades e pluralidades como elementos válidos dos discursos sociopolíticos que devem ser estudados para contrapor elementos identitários e evitar políticas nacionalistas preconceituosas. Nessa conjuntura, o ensino de uma História Antiga que faça sentido fomenta a empatia e um diálogo com diversas culturas, religiões e crenças e contesta problemas de intolerâncias múltiplas que nossa sociedade enfrenta. Aqueles outros, diferentes de nós e distantes no tempo, ainda geram reflexões e conduzem à produção de conhecimento. Por que não podemos aprender com esses outros, tão perto de nós no tempo e no espaço?

Uma história da deusa Hera

Nesse artigo, proponho que o conhecimento sobre a Antiguidade seja discutido por meio de uma história da deusa grega Hera elaborada em formato de HQ pelo ilustrador e escritor norte-americano George O'Connor. Por intermédio da leitura e análise dessa obra, pode-se promover discussões sobre uma antiga religião politeísta e uma outra forma de entender as origens do mundo, distinta das formas majoritariamente científicas e ocidentais que regem o pensamento de grande parte dos estudantes do ensino fundamental no Brasil.

Observo que o formato de narrativa que escolhi analisar nesse artigo, uma HQ, é inteligível para os jovens brasileiros, por isso pode incitar leituras de mundo e despertar o interesse dos alunos. Sob tal ponto de vista, essa narrativa favorece os processos de ensino e aprendizagem. Felizmente, o próprio texto da BNCC convida os educadores a utilizar as HQs em sala de aula. Conforme esse documento (Brasil, 2018, p. 50), as HQs estimulam o pensamento e a imaginação desde a educação infantil. Na disciplina de Língua Portuguesa, entre o 1º e o 5º ano, as HQs constituem objetos do campo artístico-literário, junto com mitos, contos, poemas, cordéis, dentre outros (Brasil, 2018, p. 96).

Waldomiro Vergueiro e Douglas Pigozzi (2013, p. 36) ressaltam a linguagem diferenciada dos quadrinhos, repleta de mecanismos comunicativos. Tal linguagem, composta por formas verbais e não-verbais, aprimora a leitura e a compreensão dos estudantes e essas habilidades são essenciais para a formação do conhecimento histórico. Além disso, as diferentes linguagens dinamizam o ensino e o aprendizado em sala de aula, tornando o cotidiano na escola mais prazeroso para professor e aluno. Nesse ínterim, poderia se propor um trabalho conjunto entre a disciplina de História e de Língua Portuguesa. Mas esse é um assunto para outro artigo.

Não há uma metodologia específica para a utilização das HQs no ensino, desde que essas narrativas sejam bem aproveitadas para que o professor alcance seus objetivos (Vergueiro, 2004, p. 26). Por meio das HQs, o educador, como mediador do processo



de ensino e aprendizagem, consegue dinamizar a compreensão do conteúdo e facilitar o entendimento de contextos e conceitos e, dessa forma, torna o conhecimento histórico significativo para os estudantes. Quando se deseja despertar o pensamento crítico dos alunos e busca-se uma História Antiga que faça sentido para a vida dos jovens, é importante entender a diversidade dos recursos didáticos e incorporá-los à experiência da aula. Os debates gerados a partir das HQs podem ser um ótimo material para percorrer esse caminho.

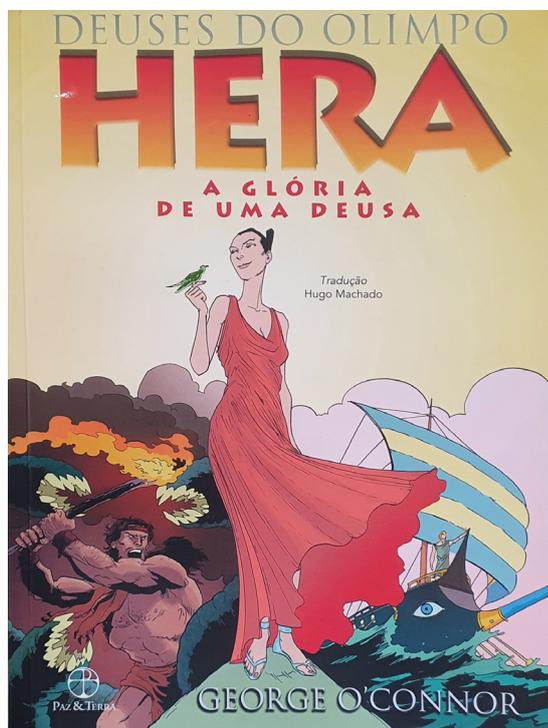
Apesar de não existir uma metodologia única para o uso desse recurso em sala de aula, as duas formas mais comuns de incorporar a HQ ao ensino é fazer desse material uma ilustração ou uma ferramenta. No primeiro caso, o professor discute com os alunos os temas que serão abordados na revista. Em seguida, os alunos leem a narrativa e fazem as conexões com o que foi discutido em sala. No segundo caso, primeiro os alunos leem a HQ e só depois disso o professor organiza o debate a partir dos apontamentos dos estudantes e insere outros assuntos pertinentes à narrativa que não foram notados pelos discentes. Para mim, essa é a abordagem mais interessante. Todavia, cabe ao educador verificar qual metodologia é mais adequada aos seus alunos.

A HQ selecionada para a análise aqui proposta é de autoria do artista norte-americano George O'Connor, um entusiasta das histórias da Antiguidade e escritor e ilustrador de livros infantis. A obra *Hera: a glória de uma deusa*, traduzida por Hugo Machado, compõe uma coleção intitulada *Deuses do Olimpo* que, no Brasil, é formada por quatro HQs de O'Connor: *Zeus: o rei dos deuses*; *Atená: a deusa de olhos cinza*; *Hera: a glória de uma deusa*; e *Hades: o senhor dos mortos* (O'Connor, [2023]). A editora responsável por esse projeto é a Paz & Terra. *Hera: a glória de uma deusa*, teve sua primeira edição (e única até o momento) em 2013. Suas dimensões (25 x 18,8 x 0,6 cm) e a gramatura da capa e das páginas não permitem que a revista seja enrolada e levada em qualquer bolso de casaco, um costume entre os leitores de HQs, porém, a ela é um exemplar que pode embelezar as prateleiras de livros e as cabeceiras dos leitores.

Nos Estados Unidos, a série de O'Connor possui doze volumes no total. Cada um desses é dedicado a um dos deuses olímpianos: Zeus, Atená, Hera, Hades, Poseidon, Afrodite, Ares, Apolo, Ártemis, Hermes, Hefesto e Dionísio.

De volta à edição brasileira sobre Hera, documento de minha análise, na capa a deusa aparece ao centro, carregando em sua mão direita um pássaro que é Zeus transfigurado; ainda do seu lado direito, em segundo plano, está Hércules; também em segundo plano, porém do lado esquerdo da deusa, uma nau comandada por um argonauta (Jasão).

Figura 1 – Capa da HQ Hera: a glória de uma deusa (O'Connor, 2013)



Fonte: acervo pessoal

Observo escolhas interessantes do autor. Ele decidiu não representar Zeus em sua forma de homem e marido de Hera. Além disso, O'Connor optou por apresentar Hera entre duas figuras que homenageavam a deusa: Hércules, aquele conhecido como "a glória de Hera"; e a nau de Jasão que exibia em seu centro uma grande estátua de Hera. Embora Hércules, Jasão e Zeus, bem como outros deuses e homens estejam presentes na obra de O'Connor, Hera é o centro das atenções. Mesmo ao contar a história dos doze trabalhos de Hércules, o autor ressalta, por intermédio de uma fala de Jasão para Hércules: "A inimizade e a ira de Hera o conduziram à verdadeira grandeza. Todas essas coisas que você fez, Hércules, foram por causa dela. E seu nome será lembrado para sempre" (O'Connor, 2013, p. 52). Ou seja, Hera estava presente nas ações mais importantes de Hércules e toda vez que o nome do herói fosse lembrado, o nome da deusa também seria, afinal, Hércules significa "a glória de Hera". Entre suas escolhas, O'Connor decidiu manter o nome do herói em sua versão grega: Hércules⁵.

A história sobre Hera elaborada por O'Connor traz uma linguagem (verbal e não-verbal) dinâmica e atrativa para narrar uma versão da história de Hera. Além de expressões linguísticas e preocupações típicas de nossa época, como a reclamação da deusa por quase ter quebrado uma unha, a narrativa de O'Connor apresenta informações de muitas das histórias contadas sobre Hera desde a Antiguidade. Como

alega o próprio autor (O'Connor, 2013, p. 69): “todas as histórias que conto estão por aí, e é fácil encontrá-las”.

É claro que o papel de Hera como esposa de Zeus foi registrado na HQ. Porém, o diálogo em que a deusa aceita se casar com Zeus aponta para um debate atual e que pode ser bem explorado pelo professor em sala de aula. Apesar de estar interessada em Zeus, Hera não queria se casar com ele porque sabia que ele traía suas esposas e sempre estava atraído por outra mulher quer fosse deusa ou humana. Então Hera diz: “Eu aceito ser sua rainha. Mas não serei apenas isso. Porque já vi como você trata suas rainhas. Eu serei sua esposa. E terei tudo o que uma esposa merece” (O'Connor, 2013, p. 9). Sendo assim, a deusa coloca-se em uma relação de igualdade com seu marido e destaca os vínculos matrimoniais. Nesse caso, estudos de gênero podem ser trazidos para a sala de aula para debater a antiga perspectiva da mulher grega submissa. Tomando-se, evidentemente, as devidas precauções, o contraponto com a atualidade também deve ganhar seu espaço em sala de aula.

A maioria da documentação escrita na Antiguidade era redigida por homens de uma elite letrada. Nesses documentos, pouco se escrevia a respeito de mulheres e quando elas ali estavam, era sobre o olhar do homem letrado e político. Uma vez que a História se faz a partir de documentos, por muito tempo os historiadores leram esses escritos antigos como textos objetivos e repletos de verdades. Felizmente, as pesquisas atuais, impulsionadas por documentos de outras naturezas, além dos escritos, e por novas teorias, como a teoria de gênero, têm se dedicado a rever o papel das mulheres ao longo da História. É certo que nas antigas terras gregas, as mulheres não participavam diretamente da política, mas, nem por isso, pertenciam a uma posição social inferior ou não influenciavam indiretamente a política que seus pais e maridos aplicavam. Como sugere Fábio de Souza Lessa (2011, p. 149) ao tratar metaforicamente a arte da tecelagem entre as antigas atenienses: “as esposas *tecem tramas* e através delas se fazem presentes na dinâmica social *políade*”.

No mundo acadêmico, os estudos de gênero ganharam espaço a partir de 1970, depois da primeira e da segunda onda de movimentos feministas. Conforme aponta Joan Scott (1995, p. 75), o termo “gênero” indica “construções culturais”, ou seja, “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Portanto, não há nada de natural na submissão da mulher ao homem. Essa inferioridade social feminina faz parte de um discurso elaborado e promovido por homens.

Observar a maneira como tais construções discursivas foram articuladas e propagadas através de determinadas instituições e ideias pode ajudar no entendimento das relações de dominação. Por isso, o estudo de gênero exige a atenção às relações das mulheres entre si e com os homens. Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (1988, p. 88), por exemplo, ao examinar as mulheres na obra de Heródoto, nota que aquelas que

mereceram o registro do autor eram integrantes dos grupos dominantes, vinculadas diretamente ao poder, como mães, esposas e filhas dos reis. As mulheres comuns não tiveram lugar nessa obra. Além de uma escolha, essa visão do autor demonstra um ponto de vista recorrente entre os homens da Antiguidade com relação às mulheres.

Certamente a Hera da Antiguidade, representante de um grupo de mulheres gregas, não questionava seu papel como “a rainha de Zeus” ou “a esposa de Zeus”. A condição feminina e os lugares das mulheres na sociedade são problemáticas contemporâneas, entretanto, os problemas das posições sociais das mulheres no mundo antigo já existiam e, possivelmente, afligiam muitas mulheres. Cabe aos estudiosos entender essas questões e esclarecê-las. Nessa circunstância, o olhar para a Antiguidade a partir da HQ de Hera gera debates a respeito desses assuntos e desnaturaliza o lugar das mulheres gregas da Antiguidade. Um debate dessa amplitude, certamente auxiliará na formação do pensamento histórico dos alunos do Ensino Fundamental brasileiro, pois possibilita a esses jovens perceberem a construção de diferentes papéis sociais que ressaltavam grupos de pertença (aqueles que projetavam tais lugares na sociedade) e diminuem a participação de outros indivíduos. Nesse caso, recupero a necessidade de os estudantes compreenderem as diferenças entre o passado e o presente bem como os “processos de transformação e de manutenção das estruturas [...] culturais”, como solicitado na BNCC (Brasil, 2018, p. 402).

Nessa conjuntura, ressalto que, seguindo os passos de alguns especialistas em Educação Histórica no Brasil, filio-me à ideia de Jörn Rüsen do valor da consciência histórica para a formação dos seres humanos. De acordo com o historiador e filósofo alemão, a consciência histórica é “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (Rüsen, 2001, p. 57). Ou seja, a consciência histórica ou o pensamento histórico nasce dos interesses que os seres humanos têm. Interesses, esses, fundamentados na vida prática cotidiana. Portanto, se uma informação não fizer sentido para o estudante, ela não despertará seu interesse e dificilmente integrará seu rol de conhecimento.

As condições de intolerância religiosa e de gênero no Brasil são questões urgentes que deveriam merecer o interesse público! Nesse artigo, estudada por uma narrativa mítica que fundamentava uma religião politeísta, a História Antiga instiga a articulação entre passado e presente e estimula debates sobre lugares sociais, sobre a convivência com pessoas de outras religiões e que percebam o mundo de uma forma diferente. Identidades, alteridades, pluralidades ganham destaque. Dessa maneira, a História Antiga torna-se uma aliada para a constituição do pensamento crítico dos jovens estudantes.

Quando O’Connor narra o casamento de Hera e Zeus, em apenas um quadrinho há uma profusão de informações das quais destaco uma: “Toda a criação se reuniu para



o casamento de Zeus e Hera. (Afinal, era o primeiro casamento. Nenhuma das outras rainhas precisara de um.)” (O’Connor, 2013, p. 9). Nesse trecho, percebo o destaque do autor a uma das distinções de Hera: protetora dos casamentos. Segundo os mitos gregos, o casamento era uma instituição que teve início com Hera, afinal as rainhas anteriores a ela não tinham se unido a Zeus através dessa cerimônia.

Entre os gregos antigos, por meio do casamento, a mulher tornava-se senhora da casa do seu esposo e, em troca, deveria gerar filhos que herdariam os bens da família. Então, o casamento “garantia a descendência legítima, a cidadania dos filhos e a manutenção da propriedade” (Santos, 2016, p. 30), por isso, era uma instituição fundamental para aquelas comunidades cívicas. Noto, então, que um dos pilares daquelas sociedades tinha sua origem proveniente de um mito. Nessa conjuntura, acredito que seja interessante para ao professor do Ensino Fundamental trabalhar com seus alunos a importância dos mitos para aqueles que os (re)elaboravam constantemente.

De acordo com Junito de Souza Brandão (1986, p. 14), “o mito é um modo de significação”, ou seja, é uma maneira de entender o mundo. Sendo assim, o mito foi uma das formas desenvolvidas pelos antigos gregos para compreender a criação do mundo, os fenômenos naturais e o surgimento de determinados vínculos entre os seres humanos, especialmente aqueles ligados à religião. Nessas narrativas, repletas de assassinatos, adultérios, incestos e artimanhas, os deuses frequentemente interferiam nas ações humanas. Paul Veyne (1983a, p. 39) afirma que o mito era uma informação obtida a partir da fé de outras pessoas. Aqueles que ouviam essas histórias não tinham a intensão de separá-las entre fatos verdadeiros e falsos (Veyne, 1983a, p. 40-41).

Para esse historiador (Veyne, 1983a, p. 43-46), quando os gregos deixaram de acreditar na palavra de outrem e constituíram métodos de pesquisa, o encadeamento dos fatos organizados pela História ganhou vantagem sobre as narrativas mitológicas. Já segundo Jean-Pierre Vernant (2002, p. 53), a Filosofia havia nascido para explicar os mistérios e solucionar as controvérsias da ágora. Em comum, esses dois historiadores argumentam que a crítica ao mito se iniciou ainda entre os gregos, com o estabelecimento de critérios de verdade quer fossem postulados pela História, no caso de Veyne, quer requeridos pela Filosofia, como afirma Vernant. Através dessas novas maneiras de compreender o mundo, o tempo mítico, composto por narrativas que se atravessavam e eram constantemente elaboradas, começou a se tornar obsoleto, mas isso não significa que os mitos deixaram de ser contados. Ainda são recontados hoje em dia! A coleção “Deuses do Olimpo” de O’Connor é só um dos exemplos da atualidade desse tema.

Os relatos mitológicos, sempre reorganizados, chegaram até nossos dias por meio de documentos de natureza diversa: textos escritos, estátuas, pinturas em vasos, paredes e tetos, entre outros suportes. Entre os documentos escritos que podem

ter seus trechos facilmente disponibilizados aos alunos em sala de aula, destaco as epopeias homéricas⁸, as obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo (2007), e a *Biblioteca*, de Pseudo Apolodoro (Cabral, 2013)⁹.

É mister que os estudantes percebam que, mesmo na Antiguidade, os mitos eram frequentemente reelaborados. Brandão (1986, p. 122) esclarece que, apesar dos poemas homéricos serem documentos religiosos significativos, eles não eram um cânon de fé. De acordo com Vernant (2006, p. 13), a tradição religiosa grega não conhecia profetas nem messias, não era uniforme e não tinha nenhum caráter dogmático. Observo que, muito antes das narrativas míticas serem registradas por Homero ou Hesíodo, elas já faziam parte da tradição oral e possuíam várias versões. Nenhuma delas era considerada uma narrativa errada, sendo todas elas admissíveis no contexto nos quais eram contadas. No século IX ou VIII a.C., Heródoto recolheu algumas dessas versões para escrever a *Ilíada* e a *Odisseia*. Entre o século VIII e VII a.C. foi a vez de Hesíodo (2007) se dedicar a transformar histórias faladas em registros escritos. Mesmo assim, as narrativas orais continuaram a ser uma das formas de ensinar a respeito das tradições gregas.

Tanto a significação dos mitos, antes das críticas histórica e filosófica, quanto o caráter não dogmático dessas narrativas, levam os estudantes brasileiros a conhecerem visões de mundo diferente das suas, já ocidentalizadas e filtradas pela História e pela Filosofia. Desse modo, o exercício da alteridade, move o aluno a pensar historicamente, relacionando e distinguindo conjunturas dos tempos passado e presente.

A multiplicidade de versões dos mitos também está presente na HQ de O'Connor. A história de Hera do autor norte-americano termina com "uma história que contam sobre Hera..." (O'Connor, 2013, p. 65). Nas últimas duas páginas da revista, O'Connor chama a atenção para as histórias que mulheres de determinadas regiões contavam sobre a deusa. Aqui, resalto duas passagens da obra:

Uma história que apenas as mulheres conheciam, pois, quando os homens da Grécia Antiga escreviam suas histórias, não pensavam em perguntar se as mulheres também conheciam alguma (O'Connor, 2013, p. 65)

Ela [Hera] vai até o rio Eurotas (ou seria o Ínaco? Ou o Cánatos?) e lá, solta os cabelos.

E se banha nas águas e, por um breve período, recupera sua mocidade.¹⁰ (O'Connor, 2013, p. 65)

No primeiro trecho o educador pode retomar o debate acerca das construções de gênero e das vozes masculinas que criavam os papéis das mulheres nas sociedades, legando para a historiografia posterior a figura submissa da mulher grega. Nessa circunstância, cito a significativa contribuição de Lessa (2011, p. 146) que, ao pesquisar as tecelãs em Atenas, observa que essas mulheres possuíam "uma linguagem que

somente era decodificada pelos diversos grupos de mulheres”. Embora não se possa generalizar e afirmar que todas as mulheres compartilhavam do benefício de ter um grupo onde se expressar, pode-se ampliar essa afirmação de Lessa para outros grupos de mulheres que mantiveram vivas narrativas que não foram oficialmente registradas.

No universo documental escrito, já na Antiguidade, Hera ficou conhecida especialmente pelas narrativas de Heródoto e Hesíodo. Sua reputação como uma deusa ciumenta que praticava atrocidades para se vingar das amantes de Zeus e dos filhos gerados nesses relacionamentos pululavam essas obras. Hesíodo (2007, p. 314-315), por exemplo, alegou que a Hera nutria “imenso rancor contra a força de Hércules”. O herói era filho de Zeus com a humana Alcmena. Para se vingar da traição, Hera exigiu que Hércules executasse doze trabalhos que deveriam tê-lo matado. As crueldades da deusa contra a humana Io, a deusa Leto e a ninfa Calisto, amantes de Zeus, também são assuntos de muitas histórias (bem como da HQ de O’Connor). Essas antigas obras monumentais, formuladas em versos, exaltavam ações de guerra, de conquistas terrestres e marítimas. Assuntos que, sob o ponto de vista dos homens da Antiguidade, não interessavam às mulheres. À presença feminina cabia espaços menores e temas “próprios do universo feminino”, evidentemente, esses espaços e assuntos eram delineados sob a perspectiva dos homens letrados. O ciúme de Hera, então, tornara-se um tema apropriado para as histórias sobre essa divindade.

Porém, especialmente para as mulheres, a deusa tinha outras facetas, apesar de ser a protetora dos casamentos, também seria cultuada como uma virgem, ou como preferiria O’Connor, como uma moça. O autor norte-americano apresenta três lugares onde, segundo as histórias locais, Hera banhava-se para recuperar sua mocidade: no rio Eurotas, na região da Lacônia; no rio Ínaco, em Argos; e no rio Cánatos, na região da Náuplia. Assim, o autor traz para sua história sobre Hera, múltiplos cultos passados de geração em geração por vozes locais e que deixaram seus vestígios em documentos materiais.

Para se preparar para a escrita de sua coleção *Deuses do Olimpo* (O’Connor, [2023]), O’Connor não contou apenas com seu entusiasmo para ler antigos mitos. Ele empreendeu viagens pela Europa para visitar museus e locais referenciados nessas histórias (O’Connor, 2013, p. 68). Nessa empreitada, o autor teve acesso a documentos variados, muito além dos documentos escritos e conservados em traduções modernas. Todos os lugares referentes ao culto da virgindade de Hera, mencionados pelo escritor norte-americano, têm suas comprovações em templos, altares, estátuas ou estelas, ou seja, em documentos materiais. O antigo viajante Pausânias (2015, III, 13, 8), que viveu entre 115 e 180 a.C., afirmou que o santuário de Hera na região da Lacônia foi construído quando o rio Eurotas inundava grande parte do território (Pausânias, 2015). Os banhos anuais de Hera, na nascente de Cánatos, para recuperar sua virgindade também foram anotados por esse autor (Pausânias, 2015, II, 38, 2). Dedicado aos



estudos clássicos, o britânico Lewis Richard Farnell (1896, p. 188) alude aos cultos de renovação perpétua da virgindade de Hera. Ao explorar a multiplicidade dos cultos de Hera, O'Connor, portanto, deixa de lado a “história única”, “já pronta” e aborda possibilidades que são estudadas na academia e que podem trazer ponderações interessantes aos discentes do Ensino Fundamental das escolas brasileiras, uma vez que eles conseguirão pensar como historiadores, explorando documentos que se complementam e que podem, até mesmo, se contradizer. Por certo, não proponho aqui, a formação de jovens historiadores, mas desejo, sim, que os estudantes pensem historicamente para refletir e agir conscientemente em uma sociedade que, muitas vezes, apresenta-lhes discursos preconceituosos como sendo naturais e corretos.

É interessante notar, ainda, que O'Connor introduz perguntas ao apresentar as três versões sobre o culto a Hera: “Ela [Hera] vai até o rio Eurotas (ou seria o Ínaco? Ou o Cánatos?)”. Nesse caso, o autor produz em seu texto uma sensação de história oral. Como aquelas histórias que ouvimos de nossos ancestrais e que remexem nossas lembranças quando queremos recontá-las. Esse é apenas um dos trechos que agencia a colaboração entre as disciplinas de História e Língua Portuguesa.

O'Connor (2013, p. 29) também traz para sua obra um episódio atualmente pouco conhecido da história de Hera e Hércules: a criação da Via Láctea, ocorrida em uma das ocasiões em que a deusa amamentou o recém-nascido. Por outro lado, o autor decidiu não mencionar o assassinato dos filhos de Hércules cometido pelo próprio herói durante um acesso de loucura induzido pela deusa. Conforme O'Connor (2013, p. 69), esse fato ofenderia tanto Hera como Hércules. Essa violência poderia obscurecer a conciliação entre Hera e Hércules, promovida quando o herói subiu ao monte Olimpo, após sua morte terrena. Lá, a deusa recebeu “a glória de Hera” e concedeu a mão de sua filha Hebe ao recém-chegado. A ascensão do herói à imortalidade e a conciliação com a deusa, já cantadas nos versos da *Teogonia* (Os deuses Olímpos, 950-955) de Hesíodo (2007), marcam o fim da narrativa sobre Hércules na HQ de O'Connor (2013, p. 61-64), sendo as duas últimas páginas da revista dedicada às outras histórias sobre Hera.

Nessa conjuntura, seria interessante ao professor trazer para a sala de aula o debate sobre a escolha do autor em destacar um fato pouco conhecido, como o modo dos gregos narrarem a criação da Via Láctea, e omitir o assassinato de crianças. Tratar desse assunto em sala de aula, não deveria ser tabu. Entretanto, compreendo a seleção de O'Connor por excluí-lo de sua obra, afinal, as imagens são parte fundamental da linguagem das HQs. No caso aqui referenciado, as imagens não seriam apropriadas para o público infanto-juvenil que o autor pretende alcançar. Tal qual um historiador, o autor norte-americano, conhecia os documentos, diferentes versões e outros acontecimentos além dos narrados em sua história, porém, é necessário que escolhas sejam feitas para que a narrativa proposta seja conveniente ao seu público. Por isso,



apesar de se basear em documentos, em teorias e metodologias próprias, uma história nunca é objetiva. Ela é, sim, filtrada pelas decisões de quem a produz, sendo, portanto, subjetiva. Por isso, deve ser repensada, reavaliada e (por que não?) reescrita.

Além dos temas explorados nesse artigo, a HQ de O'Connor ainda traz outros assuntos que suscitam a reflexão dos alunos do Ensino Fundamental das escolas brasileiras contemporâneas. Para citar apenas alguns:

- A existência de vários jardins secretos, onde frutas proibidas são protegidas seres por perigosíssimos;
- O costume grego das mulheres solteiras manterem seus cabelos soltos e prendê-los a partir do momento em que se casam. (Uma observação: O'Connor salienta que Hera soltava seus cabelos para se banhar no ritual em que recuperava sua virgindade);
- As nove mulheres de Apolo, ou seja, as nove musas, inspiradoras das artes e das ciências.

A revista conta, ainda, com notas explicativas sobre os mitos gregos (O'Connor, 2013, p. 71-73); uma seção com oito atividades/perguntas que o professor pode utilizar para incentivar o debate e a pesquisa em sala de aula (O'Connor, 2013, p. 74); sugestões de leitura (O'Connor, 2013, p. 76); e uma “árvore genealógica dos deuses do Olimpo” (O'Connor, 2013, p. 78), que por si só provoca curiosidade e rende muitas investigações.

Considerações finais

As referências e os argumentos abordados nesse artigo retomam a noção de que essas narrativas exigem que os alunos entendam a Antiguidade para se separar dela através das diferenças, ideia que Veyne (1983b) defendia com relação à História romana e a atualidade. Dessa forma, a História Antiga pode colaborar na formação do pensamento crítico dos estudantes brasileiros deixando de ser uma história repleta de datas e de informações lineares para buscar noções que sejam relevantes para a vida dos jovens. Por meio dessa forma de abordar a História Antiga, os estudantes conseguem articular o tempo passado e o presente e construir seu conhecimento histórico.

Ao longo desse artigo, impulsionada por uma narrativa que remete à Antiguidade grega, ressaltar o valor das histórias múltiplas, da alteridade, das escolhas autorais, da crítica ao mito, da renovação frequente e atual da narrativa mítica e da reflexão dos alunos. Em concordância com o que creio ser um dos papéis fundamentais da História, esses elementos estimulam os alunos a pensar, a serem sujeitos críticos e partícipes de uma história, não meros espectadores. Como defende Schmidt (2009, p. 203), “a perspectiva de uma visão crítica não exclui, pela sua própria natureza, a necessidade de que a educação histórica instrumentalize para uma participação consciente e

ativa na realidade local, nacional e mundial”. Desse modo, retomo a necessidade da promoção de uma consciência histórica entre os jovens estudantes, uma vez que esse conhecimento possibilita ações intencionais no mundo em que se vive. E, de acordo com o que defendi nesse artigo, ínsito na colaboração que a História Antiga oferece ao exercício da cidadania requerido pela BNCC (Brasil, 2018, p. 398-401).

Em uma sociedade em que os discentes chegam às salas de aulas munidos de diferentes visões sobre a Antiguidade, suscitadas pelas séries de televisão, pelo cinema e por tantas outras mídias, sugeri que uma HQ fosse um recurso didático explorado pelo professor para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem a respeito de elementos da Antiguidade grega. A HQ “fala” a língua dos jovens, sendo, portanto, um ótimo instrumento para transformar as aulas de História em momentos prazerosos e de troca de informações que sejam do interesse dos estudantes. Situação, essa, que auxilia no desenvolvimento da consciência histórica dos alunos, visto que essa habilidade está relacionada aos interesses que o ser humano carrega ou suscita em sua vida prática.

Reitero que não anseio formar jovens historiadores, todavia, reforço que estudantes preparados para ler o mundo nutridos pela consciência histórica são cidadãos pensantes e sujeitos ativos em uma sociedade que os quer cada vez mais passivos e menos questionadores.

Nesse cenário, por meio desse artigo, convido os educadores a abordarem a História Antiga através de instrumentos didáticos mais inteligíveis e atraentes para os estudantes, sendo a HQ de O’Connor sobre a deusa Hera um excelente recurso para esse caminho. Jovens mais interessados tornam o trabalho do professor mais prazeroso. Assim, educadores e educandos são beneficiados. E por que não dizer que a sociedade também ganha muito com isso? Dessa forma, defendendo a atualidade do ensino de História, sempre renovado, é claro, mas sempre necessário.

Referências

- BRANDÃO, Junito. de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. *A Biblioteca do pseudo apolodoro e o estatuto da mitografia*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de

Campinas, Campinas, 2013. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2013.920208>.

FARNELL, Lewis Richard. *The cults of the greek States*. Oxford: At the Clarendon Press, 1896. v. 1.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. A presença da mulher na obra de Heródoto. *Revista do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba*, n. 7, p. 85-89, setembro/1988.

FUNARI, Pedro Paulo A. *A história em sua integridade: a propósito da base nacional comum curricular: parecer para o MEC sobre a BNCC*. Brasília, DF: BNCC, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/Pedro_Paulo_A._Funari.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução de Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LEITE, Priscilla Gontijo. Ensino de História, reformas do ensino e percepções da antiguidade: apontamentos a partir da atual conjuntura brasileira. *Mare Nostrum*, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 13-29, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2177-4218.v8i8p13-29>.

LESSA, Fábio de Souza. Expressões do feminino e a arte de tecer tramas na Atenas clássica. *Humanitas*, São Paulo, v. 63, p. 143-156, 2011. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_63_7.

MOERBECK, Guilherme. Em defesa do ensino da história antiga nas escolas contemporâneas: base nacional curricular comum, usos do passado e pedagogia decolonial. *Brathair*, São Luís, v. 21, n. 1, p. 50-91, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18817/brathair.v1i21.2525>.

NEMED – NÚCLEO DE ESTUDOS MEDITERRÂNICOS. NEMED sobre o BNCC história especialmente o ensino médio. *NEMED*, Curitiba, 30 nov. 2015. Disponível em: <http://nemed.he.com.br/page/3/>. Acesso em: 16 set. 2021.

O'CONNOR, George. *Hera: a glória de uma deusa*. Tradução de Hugo Machado. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

O'CONNOR, George. The olympians series. *George O'Connor*, New York, [2023]. Disponível em: <https://www.georgeoconnorbooks.com/olympians>. Acesso em: 21 ago. 2021.

PAUSÂNIAS. *Description of Greece*. Tradução de Arthur Richard Shiletto. [S .I.]: Digireads.com Publishing, 2015.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história - os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, DF: Editora da UnB, 2001.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. O ensino de história antiga no Brasil e o debate da BNCC. *Outros Tempos*, São Luís, v. 16, n. 28, p. 128-145, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.703>.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. A mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor. *Revista Clássica*, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 29-48, 2016. DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v29i1.301>.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Área de sociedade, cultura e suas tecnologias: algumas contribuições para sua organização (história). In: KUENZER, Acacia (org.). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 203-232.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *Ensinar história*. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 21 set. 2021.

TACLA, Adriene Baron; LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. Um Manifesto pela história e pelas experiências das culturas da antiguidade. *ANPUH-RJ*, Rio de Janeiro, 29 nov. 2015. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/bncc-historia/item/3123-manifesto-do-gtha-sobre-a-bncc>. Acesso em: 21 set. 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; PIGOZZI, Douglas. Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso Watchmen. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 35-42, jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v18i1p35-42>.

VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VEYNE, Paul Marie. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983a.

VEYNE, Paul Marie. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983b.

Notas

¹Doutorado em História pela UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da Universidade Federal do Paraná (NEMED-UFPR) e do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção UNESP/Franca (G.LEIR/Franca).

²Para mais informações sobre esse debate, sugiro a leitura do artigo de Dominique Santos (2019).

³Desse momento em diante, usarei a abreviação HQ para fazer referência à “História em Quadrinhos”.

⁴Essa discussão foi muito bem apresentada nos trabalhos de Priscilla Gontiko Leite (2017), Dominique Santos (2019) e Guilherme Moerbeck (2021).

⁵Na cultura latina, Héracles é Hércules. E Hera é chamada Juno.

⁶A palavra grega *políade* refere-se a *pólis* (cidade) grega. As antigas cidades gregas possuíam autonomia política e econômica, embora compartilhassem uma língua comum e alguns elementos culturais e religiosos.

⁷Entre esses especialistas cito Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli e Luis Fernando Cerri.

⁸Em 2011, a Editora Salamandra publicou versões da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, adaptadas ao público infanto-juvenil pela escritora Ruth Rocha. Eduardo Rocha, marido da autora, foi o responsável pelas belas ilustrações que complementam as obras e foram baseadas em desenhos da Antiguidade grega.

⁹No séc. II d.C., o grego Pseudo Apolodoro fez um resumo dos principais mitos gregos e o publicou sob o título *Biblioteca*. A tradução dessa obra, realizada por Luiz Alberto Machado Cabral (Cabral, 2013), está disponível na Internet. Verificar as *Referências Bibliográficas* desse artigo.

¹⁰O'Connor prefere usar o termo “mocidade” no lugar de “virgindade” para tratar dessa característica do culto a Hera. Observo aqui um sinal de respeito com relação ao seu público infanto-juvenil.